

Conversações no Seringal

Antônio Macedo
Mauro Almeida

Txai Terri, tentaremos mais uma vez dar a nossa contribuição ao seu papo de Índio dizendo inicialmente que essa coluna que você criou nos traz nova luz, nos orienta e nos desafia a escrever também sobre os problemas que afligem os povos da floresta. Dessa vez o assunto é a viagem que fizemos no final de janeiro pelo rio Juruá para começar as primeiras cooperativas da Reserva Extrativista do Rio Tejo.

Txai Terri, mesmo à distância queremos em nome dos seringueiros desse Vale do Juruá agradecer a sua presença no começo dessa viagem de trabalho nesta micro-região verde e viva de nosso Acre. Tivemos que nos separar quando você subiu pelo Riozinho do Cruzeiro do Vale acompanhando a Mary que aqui chegou para conhecer as barrancas de Cruzeiro do Sul. Txai, nós sentimos muito a sua falta no restante da viagem até a Vila Thaumaturgo, na boca do Amônia. O restante da viagem foi ótimo. Só faltou você para completar o quadro de professores e ao mesmo tempo bons alunos dos companheiros seringueiros que já nos esperavam inquietos na Vila para o treinamento dos gerentes comunitário. Foram vinte e dois seringueiros e seringueiras que baixaram do Rio Tejo, após escutar nossa mensagem, escolhidos pelas comunidades dos seringais Bagé e Restauração para serem gerentes comunitários, monitores de educação e agentes de saúde. Eles vieram com os nossos amigos e delegados sindicais Chico Ginú, da Restauração, e Dolor, do Bagé. Depois ainda chegaram seringueiros do Maranguape, que também fica dentro do rio Tejo, e até de outros seringais do Juruá. Também estiveram conosco os companheiros da Amazônia Verde e Vida, entidade criada em Cruzeiro do Sul para ajudar a luta dos povos da floresta. Esses companheiros, o José Rodrigues, a Glória e a Rosimeire, futuramente batalharão nos projetos do Conselho Nacional dos Seringueiros. Também viajou conosco a querida companheira Renilza Manaitá já conhecida dos seringueiros do Tejo.



Seringueiros e Índios do Tejo criam Reservas Extrativistas no Juruá

Txai, foi bom passar esses dias com nossos amigos seringueiros Chico Ginú, seu Milton, Pedrinho e outros filhos e netos dos Kontanauá, Neianáua, Shauanáua, Papavô e mais clãs e povos do antigo rio Tejo. Não fizemos um treinamento tradicional. Começamos combinando como será a associação dos seringueiros. Depois passamos para as responsabilidades dos gerentes, dentro do plano de gestão que foi bem explicado. Daí em diante discutimos passo a passo como vai ser feito o serviço. Sempre pensando em fazer tudo bem feito e com economia, combinamos a construção

dos galpões, que serão em parte de madeira serrada e em parte de paxiúba, com um lugar amplo de reunião. Também combinamos que além de alguns barcos a cooperativa vai precisar de ubás no alto Tejo, as quais serão feitas lá mesmo. A abertura do primeiro varadouro, que na verdade é um ramal, foi combinada com todos os detalhes, bem como a desobstrução de um trecho do Bagé. Varamos à noite fazendo a lista das colocações que serão atendidas inicialmente no Tejo, abrangendo 381 famílias. Também passamos muito tempo acertando as regras de recebimento da

ro e outras coisas desse tipo não vão acabar com um só repiquete. A cooperativa vai crescer com muitas chuvas, ajudada pelas escolas e pelos postos de saúde, e apoiada pelo movimento sindical e do Conselho Nacional dos Seringueiros. De início o que é importante é assegurar a lição de que seringueiro pode viver sem patrão, organizando as suas matas e rios, tirando deles seu sustento e prazer, como já fazem os índios dessas bandas ocidentais amazônicas. O que era difícil nos primeiros dias foi se clareando. No final da reunião, já havia as regras da associação, as normas de trabalho dos gerentes, as listas de famílias e locais, os custos de construção de galpões, canoas e ubás, e as estimativas de mercadorias. Fizemos juntos um remanejamento do orçamento. Toda essa conversa vai continuar depois em reuniões nas colocações.

Txai Terri, uma das consequências do Encontro dos Povos da Floresta do Alto Juruá que aconteceu aqui em outubro do ano passado, foi que o pagamento da femigerada "renda" das estradas de seringa que os patrões nem plantaram, nem zelaram, nem abriram, começou a ser falado e criticado abertamente pelos seringueiros, a partir da decisão dos delegados sindicais e seringueiros de não pegar mais renda. Muitos patrões estão agora ameaçando expulsar os seringueiros de suas colocações. No seringal Oriente, o patrão, o Sr. "Chicada", ameaçou de bala os seringueiros que não pagarem. Três desses seringueiros subiram até a Vila Thaumaturgo para procurar o apoio do sindicato e do Conselho. Nós todos discutimos a questão e fizemos uma carta assinada pelos presentes aconselhando o Sr. Chicada a deixar de fazer ameaças aos seringueiros porque isso é contra lei e pode até dar cadeia. Prevenimos esse patrão de que os seringueiros são cidadãos como ele, tendo direitos e constitucionais como o direito a posse da terra que ocupam e valorizam.

Os dias foram chuvosos, mas bonitos. Vivemos dias animados por festas noturnas na vila que ainda guardava construções do Novenário. O batelão de 12 toneladas fretado pelo Conselho se enchia de gente na hora do rancho e na

hora de dormir. Muita chuva nesta estação de inverno forte fez com que a floresta fique mais ainda exuberante ao longo deste rio de muitas voltas e a queda dos barrancos forma um verdadeiro cortejo de espuma que se espalha na correnteza.

Em nosso retorno do alto para Cruzeiro do Sul trouxemos conosco muitos passageiros, alguns doentes como a dona Mariana, acompanhada pelo seu marido e gerente comunitário Sr. Milton e por sua filha Marieta. Dona Mariana foi atendida com carinho pela Rita, o Valério e a Carolina, médicos que estão chegando ao Juruá para um ano de trabalho junto as comunidades indígenas principalmente. Também baixou conosco nosso amigo Chico Ginú, que veio tratar dos assuntos da cooperativa em Cruzeiro do Sul na qualidade de membro do Conselho Nacional dos Seringueiros. O Chico Ginú é um corajoso líder na floresta, gosta de estudar até altas horas da noite e de tomar cipó. Nós começamos junto com ele uma pesquisa sobre as dezenas de famílias que nos últimos anos abandonaram o rio Tejo e hoje moram quase todas no Bairro da Gia, em Cruzeiro do Sul, muitos deles saudosos de suas colocações, alguns já planejando regressar. Eles saíram porque lá não havia escola nem atendimento de saúde, e também porque nos últimos anos o Tejo ficou abandonado aos marreteiros e regatões, sem nenhum amparo e com perseguições de arrendatários que lá entraram com a polícia para tomar os bens dos seringueiros que deviam. Esses amigos vieram com saldo do seringal, mas não arrumam emprego na cidade onde, a não ser pela educação dos filhos, passam pior na cidade do que na mata. O Chico Ginú vai continuar o trabalho com esse pedaço do seringal dentro de Cruzeiro do Sul.

Temos conversado muito sobre ciências e remédios da caça, sobre mistérios da floresta, e sobre a luz que vemos no futuro desse alto Juruá onde começa a nascer uma grande Reserva Extrativista combinada com áreas Indígenas. Aí resolvemos fazer juntos esse Papo de Índio simbolizando a nossa aliança de irmãos acreanos.

produção e fornecimento da mercadoria, as taxas e prazos. Em todas essas questões aprendemos e ensinamos muito uns aos outros. chegamos à conclusão de que vai ser preciso muita luta e dedicação para garantir o suprimento da estiva, da munição, do combustível, das miudezas e do pano nesse seringal de muita produção e de rancho escasso, onde no verão até a folha de embaúba encalha na areia. A dificuldade não é só de dinheiro para movimentar as cooperativas. o fiado, as mercadorias desnecessárias empurradas pelos patrões para endividar o seringuei-